

O ESPORTE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA:

A VISÃO DA FAMÍLIA.

SPORTS IN CHILD DEVELOPMENT:

THE VISION OF THE FAMILY.

Renê das Neves Rodrigues¹, Ana Maria Fernandes²

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade da Região da Campanha

² Profª Orientadora Mestre.

RESUMO

A Psicologia do Esporte e da Atividade Física possui vários campos de intervenção, como a reabilitação, alto rendimento, iniciação esportiva. Este trabalho buscou refletir sobre a atuação do psicólogo na iniciação esportiva infantil. Para tornar a reflexão possível retomaram-se conceituações sobre o termo iniciação esportivas, considerando-a como um processo e um produto, que podem ter como finalidade o esporte recreativo, o alto rendimento e o educativo. A família e a criança foram descritos como os componentes principais deste processo. A metodologia utilizada no trabalho foi através de pesquisa qualitativa do tipo descritiva, no qual participaram um total de 5 responsáveis pelas crianças, respondendo um questionário aberto. A partir das características da iniciação esportiva infantil, refletiu-se sobre as possibilidades de atuação do psicólogo do esporte neste contexto. Os resultados obtidos demonstram a importância do esporte no desenvolvimento da criança e que a influência dos pais é de suma importância para se obter os melhores resultados na busca da autonomia, fortalecendo sua auto-estima, proporcionando a educação e a saúde.

Palavras-chave: Psicologia do esporte; desenvolvimento da criança; bem estar.

ABSTRACT

The Psychology of Sports and Physical Activity has several fields of intervention, such as rehabilitation, high yield, sports initiation. This work sought to reflect on the performance of the psychologist in the initiation of children's sports. In order to make the reflection possible, conceptualizations on the term sports initiation were taken, considering it as a process and a product, that can have as purpose the recreational sport, the high yield and the educational one. Family and child have been described as the main components of this process. The methodology used in the study was through qualitative research of the descriptive type, in which a total of 5 responsible for the children participated, answering an open questionnaire. From the characteristics of the infantile initiation sport, it was reflected on the possibilities of performance of the psychologist of the sport in this context. The results obtained demonstrate the importance of sport in the development of the child and that the influence of parents is of paramount importance in order to obtain the best results in the search for autonomy, strengthening their self-esteem, providing education and health.

Keywords: Psychology of sport; child development; welfare .

INTRODUÇÃO

A Psicologia do Esporte possui várias frentes de atuação, dividindo-se em educação, intervenção e pesquisa. A educação refere-se ao ensino da Psicologia do Esporte nos cursos de graduação de Psicologia ou Educação Física. A área da pesquisa possui um campo amplo, que pode estar relacionado com as áreas de intervenção, auxiliando no suporte teórico da intervenção. Na área da intervenção pode-se pensar em várias formas de atuação do psicólogo, como o alto rendimento, a reabilitação, o esporte escolar, a recreação, a clínica, a iniciação esportiva.

No entanto, o trabalho do psicólogo do esporte mais divulgado pela mídia e, em geral o mais conhecido pelas pessoas, é o relacionado com o esporte de alto rendimento, remetendo à imagem do psicólogo auxiliando técnicos e atletas para o melhor desempenho. As outras formas de atuação não possuem uma imagem tão conhecida pela população e nem mesmo entre os pares de profissão. Na grande parte das vezes desconhece-se o que o psicólogo do esporte realiza também suas atuações na recreação, na reabilitação ou no esporte infantil.

Dentro dessa complexidade do assunto, esse trabalho visa refletir sobre a atuação do psicólogo do esporte na iniciação esportiva infantil, como pode intervir nesse local, considerando os assuntos relacionados e juntos, sem ter a pretensão de esgotar o tema. Para discutirmos conceitos sobre iniciação esportiva, seus objetivos e suas possibilidades, bem como o papel dos educadores neste processo, considerando como tal o professor de educação física e os pais; e também o papel da criança, observando como ela chega ao esporte e o que ela busca.

MÉTODOS

Psicologia do Esporte

No Brasil a Psicologia do Esporte tem sido considerada como uma área emergente da Psicologia, tanto em congressos científicos da Psicologia como em seus cursos de graduação. Ao se considerar a história do desenvolvimento dessa especialidade nota-se que seu surgimento é semelhante ao desenvolvimento da Psicologia Geral.

Para Weinberg e Gould (2001, p. 28), “a Psicologia do Esporte e do Exercício é um estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas, e a aplicação deste conhecimento”. Essas definições são essenciais para entender que a Psicologia do Esporte, além de ser uma disciplina acadêmico-científica, é também um campo de intervenção profissional que envolve conceitos da Psicologia e das Ciências do Esporte.

Psicologia do Esporte Infante Juvenil

Segundo Weinberg e Gould (2008), uma das áreas de atuação mais importantes da psicologia do esporte é o esporte infante juvenil, pois crianças e jovens compõem o maior grupo populacional de praticantes esportivos. Nessa faixa etária, o envolvimento com o exercício e o esporte vai desde as aulas de educação física na escola às atividades esportivas extra-escolares, passando pelas “escolinhas” de iniciação esportiva, os jogos recreativos, até a participação em equipes de competição.

O esporte também exige que sejam obedecidas certas regras que caracterizam as diferentes modalidades, constituindo assim um exemplo da importância da internalização de regras, processo que, se o jovem for capaz de generalizar para outras situações, contribuirá para o seu convívio social. A prática esportiva também leva o jovem a conhecer-se melhor, pois, ao desenvolvê-la, ele estará confrontando-se com seus limites, aprendendo a lidar com fracassos, bem como afirmando as suas potencialidades. Nesse sentido, o esporte também contribui para o desenvolvimento da auto-estima e da autoeficácia do aluno. No meio esportivo, o jovem deve lidar ainda com as expectativas dos pais, dos professores e com as suas próprias, o que auxilia no seu processo de amadurecimento (MACHADO, 1997).

O papel ativo da criança

A infância é um período fundamental de desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social. As experiências deste período auxiliarão na formação de características e no desenvolvimento de aptidões, que repercutirão em outras fases do ciclo vital (KREBS, COPETTI e BELTRAME, 2000). Diversos estudos apontam que a brincadeira é um aspecto comum na infância em diferentes culturas e sociedades e de grande importância no ciclo vital dos seres humanos (CAILLOIS, 1990; CARVALHO e PONTES, 2003; HUIZINGA, 1990; WINNICOTT, 1975). Nessa perspectiva Bichara (1994) e Bjorklund (1997) apontam que a brincadeira faz parte do repertório comportamental da espécie humana, seja com o uso de instrumentos – brinquedos – ou usando a imaginação. Acredita-se que a existência da brincadeira ocorre, principalmente, durante a infância e é por meio dessa linguagem, do lúdico, que a cognição das crianças se desenvolve.

Winnicott (1975, p.63) afirma que é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação. Acredita que a brincadeira por si só é uma terapia, e entende que “a brincadeira que é universal e é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia”.

Esta é a razão da afirmação de Carvalho (1987) sobre a importância das experiências esportivas na infância no sentido da busca do prazer e da adesão livre, colocando a criança como protagonista do gesto, proporcionando a ela, e não apenas ao educador, o significado de sua ação. Essa perspectiva favorece uma atitude ativa da criança no processo da iniciação esportiva, desenvolvendo a sua autonomia, criatividade e espontaneidade, além de proporcionar desde a infância o conhecimento e apropriação do próprio corpo, das suas capacidades, da sua necessidade de cuidado.

Outro ponto a ser destacado na iniciação esportiva infantil é a possibilidade da socialização que se dá na prática das atividades físicas coletivas ou realizadas em grupos. Boixadós, Mimbrero e Cruz (1998) apontam que o ambiente social da prática esportiva pode ser muito importante na socialização das crianças, mas que os agentes de socialização – estrutura, filosofia dos programas esportivos, a família e o treinador – podem afetar diretamente a qualidade da experiência. Daí a importância da qualificação do profissional que irá atuar com essa população.

Krebs, Copetti e Beltrame (2000) salientam que o contexto engloba fatores como alimentação, proteção física, estímulo psíquico e cultural da criança. Nesta perspectiva, considera-se que a atividade física e o esporte sejam relevantes neste processo de desenvolvimento, visto que ocorrem nos microsistemas da criança, tais como a escola, clubes, projetos sociais, escolas de esporte.

O papel da família

Considerar o que motivou a criança a iniciar a prática esportiva é altamente relevante para planejar estratégias que facilitem a permanência e continuidade da prática. Neste sentido, a família é o ponto crucial na vida da criança, uma vez que compete a ela a decisão sobre a entrada do filho no esporte e o auxílio no momento da decisão sobre a prática.

E antes mesmo disso terá competido à família as condições para o desenvolvimento das habilidades motoras básicas da criança como engatinhar, andar, subir e descer escadas, correr, jogar bola. Será também creditada ao

núcleo familiar a responsabilidade inicial e principal na aprendizagem de hábitos saudáveis e na valorização destes costumes, que vão desde a alimentação e sono, até a prática de exercícios físicos (MARQUES, 2000). Embora esses hábitos servirão de modelo para as crianças e um estímulo para a prática posterior, não se pode ter a certeza de que aqueles não tiveram o modelo do exercício físico em casa não praticarão exercícios. A prática desportiva é o resultado de um conjunto complexo de fatores, onde a influência familiar não deve ser considerada um determinante, mas sim um facilitador.

Os pais podem influenciar na opção da escolha do esporte para os seus filhos por diversos motivos, entre eles educacionais, saúde, busca de ascensão social (MARQUES e KURODA, 2000). Há casos nos quais ocorre uma recomendação médica, para auxiliar no tratamento e/ou prevenção de doenças da criança; ou também pais que associam a prática do exercício físico como algo saudável para a vida do filho (PERSONNE, 2001).

Em alguns casos a iniciação esportiva ocorre para preencher o tempo livre da criança. Becker (2000) cita que alguns pais colocam o filho na prática esportiva sem consultá-lo, informando-o apenas quando devem comparecer ao local das aulas. Nestes casos o local da iniciação esportiva aparece como um “depósito de criança” em seus tempos livres.

Em outros casos os pais procuram no esporte a ascensão social vinculando-o ao alto rendimento e a aquisição de ascensão econômica e social. Pode ocorrer nesses casos uma expectativa pelo bom desempenho da criança, gerando exigências excessivas conferindo a essa prática um caráter obrigatório (MARQUES, 2000). Há também os pais que vêem no esporte uma forma de educação, exercitando o físico e o mental da criança. Confirmando esse mito há o apoio da mídia, vinculando a idéia de educação pelo esporte sugerindo que “quem pratica esporte não usa droga”.

Becker, 2000; Weinberg e Gould (2001) e Becker e Götze (2003) mostram que os pais têm expectativas e necessidades diferentes das crianças sobre o motivo que as levam à prática esportiva. As crianças apontam a alegria, o aperfeiçoamento e aprendizagem de habilidades, a encontro com amigos e a conquista de novas amizades, sentir emoções e aquisição de forma

física como os motivos para iniciar a prática esportiva. Já a continuidade da prática por crianças e jovens envolve outras razões como a necessidade de diversão, pelo gosto pela atividade esportiva e pela capacidade de proporcionar contatos sociais (BELLÓ, 1999).

Dessa forma é possível observar que a família pode ser um facilitador ou um complicador na iniciação esportiva. A condição de facilitador acontece se entender que a família a principal responsável pelo desenvolvimento inicial das habilidades motoras da criança, além de ser a facilitadora do contato com hábitos de atividade física de recreação bem como com a atividade esportiva de forma lúdica (RÚBIO et al, 2000). Porém, algumas vezes a expectativa dos pais sobre a capacidade de rendimento do filho pode ser um complicador, por gerar ansiedade e angústias na criança, na expectativa de um resultado positivo, levando ao abandono da prática esportiva.

O efeito do exercício no bem-estar psicológico

Os benefícios psicológicos dos exercícios para crianças e adolescentes costumam ser esquecidos, ainda que Biddle (2011b) resuma esses achados. Em geral, mais exercício tem uma correlação com níveis mais altos de autoeficácia e competência percebida, maior motivação para a realização e a intenção de se exercitar, níveis mais elevados de orientação voltada a tarefas (metas autorreferenciadas) e níveis mais baixos de depressão. Além disso, a quantidade de exercício tem relação com atração física percebida, importância da aparência e autovalorização física em meninas adolescentes. Várias hipóteses, tanto psicológicas como fisiológicas, foram propostas para explicar como o exercício.

Funcionamento cognitivo

Durante muito tempo, acreditamos que o desenvolvimento motor era importante para o desenvolvimento da inteligência das crianças (Piaget, 1936), e que o potencial de aprendizagem (capacidade cognitiva) variava de acordo com o nível de condicionamento físico da pessoa. Desde a década de 1970, pesquisadores buscam evidências para validar esses dois pressupostos. Neurocientistas, psicólogos e médicos raramente concordam em coisa alguma,

mas parecem concordar que o melhor a fazer pelo cérebro é exercitar-se. Pesquisas mais recentes mostram que o declínio cognitivo não é inevitável. Sim, o volume do cérebro encolhe um pouco, mas ele continua a fazer novos neurônios e conexões neurais de sintonia fina durante o ciclo de vida. O exercício aeróbico parece iniciar esse processo, reduzindo assim o nível de perda cerebral e mantendo afiadas as capacidades cognitivas. Isso é constatado no fato de que exercício aeróbico regular reduz pela metade o risco de alguém, durante toda a vida, de ter a doença de Alzheimer e em 60% o risco de contrair demência geral.

Esses achados das pesquisas estão cada vez mais consistentes, demonstrando a existência de uma forte relação entre exercício e funcionamento cognitivo. Revisões de narrativas, por exemplo, costumam demonstrar o efeito benéfico do exercício sobre o funcionamento cognitivo (Chodzko-Zajko e Moore, 1994). Revisões estatísticas de mais de cem estudos (Etnier et al., 1997; Thomas, Landers, Salazar e Etnier, 1994) mostraram que o exercício tinha uma relação positiva modesta com a melhora do funcionamento cognitivo. Chang e colaboradores (2011) constataram que exercício aeróbico agudo tinha relação com aumento da função cognitiva executiva em áreas de planejamento e solução de problemas, e Alves e colaboradores (2012) encontraram efeitos positivos decorrentes de atividades aeróbicas e de força. Igualmente, uma revisão multidisciplinar da literatura descobriu que a atividade física aeróbica tem um efeito positivo na cognição e na função cerebral (Hillman, Erickson e Kramer, 2008).

De forma específica, parece que o comando central executivo, que envolve memória de trabalho, planejamento, agendamento, multitarefas e lidar com a ambiguidade (como dúvidas e incerteza) são bastante afetados pelo exercício aeróbico. E mais, o exercício crônico, em comparação com o exercício agudo, mostrou maiores efeitos sobre o desempenho cognitivo, ou seja, programas de exercício conduzidos durante períodos mais longos estão associados a ganhos no funcionamento cognitivo. Sibley e Beilock (2007) descobriram que o exercício agudo aumentava o funcionamento cognitivo na forma de memória de trabalho (memória de curto prazo envolvida no controle da atenção, na regulação da atenção e na manutenção ativa de uma

quantidade limitada de informações com relevância imediata à tarefa sendo realizada) apenas para pessoas com baixa memória de trabalho. Isso destaca a natureza de diferenças individuais dos efeitos do exercício na função cognitiva.

O mesmo pode ser dito sobre o controle executivo (funções de níveis superiores que lidam com outros processos cognitivos mais básicos, em que diferenças individuais, uma vez mais, parecem importantes) (Etnier e Chang, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Emergiram das respostas das entrevistas, a relação interpessoal, tolerância a frustração e esporte educativo como principais eixos de análise.

Conforme acordado no Termo de Consentimento, as entrevistadas serão identificadas por pseudônimos: Azul, Amarelo, Verde, Vermelho e Rosa.

Relação interpessoal

As relações interpessoais desenvolvem-se em decorrência do processo de interação. À medida que as atividades e interações prosseguem, os sentimentos despertados podem ser diferentes dos indicados inicialmente e então, inevitavelmente, os sentimentos influenciarão as interações e as próprias atividades. Esse ciclo “atividades-interações-sentimentos” não se relaciona diretamente com a competência técnica de cada pessoa.

Na maioria das vezes, as crianças participam de um determinado esporte por influência dos pais. A partir do relato do responsável do Azul " *percebo que meu filho encontra-se motivado satisfeito e desenvolvendo relações neste ambiente esportivo*". Somamos as possibilidades de aprendizagem social por meio do esporte, uma vez que "o convívio humano que se estabelece na prática esportiva pode ser apontado como uma metáfora do convívio humano em outros contextos sociais" (BALBINO, 2001).

Na percepção de Amarelo *“ele se da muito bem com os colegas, no início era tímido mas a convivência o deixou mais desinibido”*.

Quando uma pessoa começa a participar de um grupo, há uma base interna de diferenças que englobam conhecimentos, informações, opiniões, preconceitos, atitudes, experiência anterior, gostos, crenças, valores e estilo comportamental, o que traz inevitáveis diferenças de percepções, opiniões, sentimentos em relação a cada situação compartilhada.

Membros de uma equipe devem interagir trabalhar pelos mesmos objetivos, adaptar-se às demandas ambientais e equilibrar as necessidades individuais com as dos outros membros da equipe (Carron, Eys e Burke, 2007).

Tolerância a frustração

As reações dos resultados obtidos no esporte transmitem sensações adversas, Amarelo diz que *“não sabe perder. Mas procura melhorar suas atitudes. Tento ensinar que sempre há um vencedor e um perdedor”*.

Assim, a especialização precoce é apontada como um grande risco do esporte competitivo durante a iniciação esportiva infantil. A busca incessante pelo prestígio conduz professores e familiares a exporem as crianças a situações de grande exigência e tensão, de treinamentos intensivos e precoces em busca de altos rendimentos. É importante ressaltar que poucas dessas crianças que iniciam treinamentos e competições precoces alcançam a vitória e o sucesso. O que prevalece é uma maioria, denominados derrotados, que irão se frustrar com os resultados, além do elevado porcentual de praticantes que acabam por desenvolver problemas de saúde e transformar o esporte em atividade laboral (BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, 1999).

Já Azul relata que *“ele encara o esporte como lazer, então sente-se feliz em poder curtir alguns momentos de descontração com os colegas.”*

Blázquez Sanchez (1999) aponta que o esporte competitivo também pode potencializar o desenvolvimento pessoal do indivíduo, simulando situações que todos enfrentarão no futuro. O professor pode ensinar a ganhar e a perder, esta aprendizagem pode proporcionar o desenvolvimento de

habilidades pessoais enriquecedoras para a vida, como lidar com o fracasso, com a frustração, com a vitória e com o sucesso. O autor faz a ressalva que o esporte não possui nenhuma virtude mágica, não é bom, nem mal. Assim, a competição só será prejudicial ou benéfica se for direcionada para tal, dando à prática um significado distinto.

Esporte Educativo

Além de ser importante nas relações interpessoais, tolerância as frustrações, o esporte como um todo é educativo, Azul ao ser questionada sobre o desenvolvimento do seu filho após a inserção no esporte diz: *“Sim. O esporte proporcionou um desenvolvimento da coordenação, flexibilidade e reflexo, sem contar, com a importância na socialização e seus desdobramentos no desenvolvimento afetivo, intelectual e social.”*

O esporte educativo busca colaborar para o desenvolvimento global e potencializar os valores da criança. O esporte educativo encontra-se no meio destes dois extremos, constituindo-se como uma atividade cultural, possibilitando a formação básica e contínua através do esporte (SÁNCHEZ BLÁZQUEZ, 1999). Esta possibilidade que busca proporcionar o desenvolvimento de atitudes motrizes e psicomotrizes em relação com os aspectos afetivos, cognitivos e sociais, respeitando os estágios de desenvolvimento humano.

Vermelho diz: *“com certeza, objetividade em decisões equilíbrio, raciocínio rápido e agilidade”.*

Lima (apud TUBINO, 2001) coloca que a orientação educativa no esporte vincula-se a três áreas: a integração social, o desenvolvimento psicomotor e as atividades físicas educativas. Na primeira área, seria assegurada a participação autêntica, possibilitando aos educandos a oportunidade de decisões sobre a própria atividade a ser desenvolvida. No desenvolvimento psicomotor seria oferecer oportunidades para atender as necessidades de movimento, bem como desenvolvimento de habilidades críticas, como a auto avaliação. E as atividades físicas educativas englobaria a concretização das aptidões em capacidades.

Assim, considera-se o esporte educativo como um caminho para o pleno desenvolvimento da cidadania no futuro das pessoas (TUBINO, 2001).

CONCLUSÕES

O esporte, entendido na sua dimensão lúdica e de cultural corporal de movimento é uma prática fundamental para desenvolvimento infantil. Neste sentido, a iniciação esportiva nas crianças mostra-se relevante para a promoção do desenvolvimento cognitivo.

Os pais devem entender que o mais importante na iniciação esportiva dos seus filhos é saber os benefícios que as atividades podem proporcionar os aprendizados que serão úteis desde a sua formação até a vida adulta. Os pais devem entender que o mais importante na iniciação esportiva dos seus filhos é saber os benefícios que as atividades podem proporcionar os aprendizados que serão úteis desde a sua formação até a vida adulta.

REFERENCIAS

BALBINO, H. F. Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. 142f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001.

BECKER JR, B. (2000) **Manual de Psicologia do Esporte e do Exercício**. Porto Alegre: Nova Prova, 1ª edição.

BECKER JR, B E GÖTZE, M.M. (2003) A comunicação entre as crianças, os pais e os treinadores em uma escolinha esportiva de basquetebol, em relação à motivação e a proposta pedagógica. **Resumo do X Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte e III Congresso Internacional de Psicologia do Esporte**, Rio de Janeiro, p. 39.

BELLÓ, A.P. (1999) **Por qué llevan los padres a sus hijos a hacer deporte**. Madrid, Espanha: Ediciones Internacionales Universitarias.

BICHARA, I.D. (1994) **Um estudo etológico de brincadeira de faz-de-conta em crianças de 3-7 anos**. Tese de doutoramento. Instituto de Psicologia da USP.

BJORKUND, D.F. (1997) The role of immaturity in human development. **Psychological Bulletin**, 122 (2), 153-169.

BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, D. (1999) A modo de introducción. In: D. Blázquez Sánchez (Org.) **La iniciación deportiva y el deporte escolar**, p. 19-45. 4ª edición. Barcelona, Espanha: INDE Publicaciones.

CAILLOIS, R. (1990) **Os jogos e os homens**. Lisboa: Edições 70.

CARVALHO, A. M. A.; PONTES, F. A. R. (2003) Brincadeira é cultura. In.: A. M. A. Carvalho, C. M. C. Magalhães, F. A. R. Pontes, I. D. Bichara (orgs) **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. Vol. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo.

CARVALHO, A.M. (1987) **Desporto escolar: inovação pedagógica e nova escola**. Lisboa - Portugal: Editora Caminho.

HUIZINGA, J. (1990) **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva.

MACHADO, A.A. E PRESOTO, D. (1997) Iniciação esportiva: seu redimensionamento psicológico. In: M.A. Buriti (Org.) **Psicologia do esporte**. Campinas, SP: Editora Alínea. p. 19-48.

MARQUES, J.A.A. (2000) A iniciação esportiva como meio educacional e o trabalho interdisciplinar. In: K. Rubio (org) **Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 87-95.

MARQUES, J.A.A., KURODA, S.J. (2000) Iniciação esportiva: um instrumento para a socialização e formação de crianças e jovens. In: K. Rubio (Org.) **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 125-137.

PERSONNE, J.(2001) **Nenhuma medalha vale a saúde de uma criança**. Lisboa: Livros Horizonte.

RUBIO, K. (2000a) O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. In: K. Rubio (Org.) **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 15-28.

RUBIO, K. (2000b) Quem sou? De onde vim? Para onde vou? In: K. Rubio (Org.) **Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 123-132.

RUBIO, K.; KURODA, S.; MARQUES, J.A.A.; MONTORO, F.C.F.; QUEIROZ, C. (2000) Iniciação esportiva e especialização precoce: as instâncias psicossociais presentes na formação esportiva de crianças e jovens. **Revista Metropolitana de Ciências do Movimento Humano**, 4 (1).

TUBINO, M.J.G. (2001) **Dimensões sociais do esporte**. 2ª edição revisada. São Paulo: Cortez.

WEINBERG, R.S., GOULD, D. (2001) **Fundamentos do esporte e do exercício**. Trad. Maria Cristina Monteiro, 2ª edição. Porto Alegre: Artmed Editora.

WINNICOTT, D.W. (1975) **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago.